

A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIEDADE/NATUREZA: UMA MEDIAÇÃO PELO TRABALHO SOB A ÓTICA DE ESTUDANTES DO MEIO RURAL¹

Eliane Dalmora²

Paulo José da Fonseca Pires³

Resumo

Entre os produtores familiares da região central do Rio Grande do Sul, persistem diversas ações que têm causado danos de extrema gravidade aos ecossistemas. Para se desenvolver novas relações sociedade/natureza, far-se-á necessário considerar que as ações não são movidas meramente por motivações econômicas ou por limites geográfico-ambientais. São motivadas, também, com base nos conhecimentos constituídos. A partir desses pressupostos, questiona-se sobre a forma com que os estudantes do meio rural percebem o meio em que estão inseridos e as suas relações com as práticas cotidianas.

Palavras chaves: *meio ambiente, cotidiano, educação.*

THE CONSTRUCTION OF RELATIONSHIPS SOCIETY/NATURE: INTERMEDIATION THROUGH WORK FROM RURAL STUDENTS' POINT OF VIEW

Abstract

Among the producers relatives of the central area of Rio Grande do Sul, they persist several actions that it has been causing damages of extreme gravity to the ecosystems. To develop new relationships society/nature, he/she will make himself necessary to consider that the actions are not moved merely by economic motivations or for limits geographical-ambientais. They are motivated, also, with base in the constituted knowledge. To leave of those presuppositions, it is questioned on the form with that the students of the rural way, notice the middle in that are inserted and its relationships with the daily practices..

Key words: *environment, daily, education.*

1. Introdução

O presente artigo, tem origem na análise de 116 redações elaboradas pôr estudantes de primeiro grau da Escola Estadual Presidente Afonso Pena, localizada no município de Paraíso do Sul. As redações foram elaboradas tendo em vista a realização de um trabalho prático na disciplina de Metodologia da Pesquisa, no primeiro semestre de 1997.

¹ Texto reelaborado a partir de dados obtidos em conjunto com os alunos do CPGE_xR Mauro Zamperetti, Ivone Rodrigues, Gilberto Bombardieri.

² Bióloga, Msc.Extensão Rural; Rua Jorge Pedro Abelim, 432/103, CEP= 97050-390

³ Engenheiro Florestal, Mestrando em Extensão Rural; Rua Jorge Pedro Abelim, 432/103, CEP= 97050-390

Visando obter dos alunos informações a respeito de como percebem o meio onde estão inseridos e as relações deste com as práticas do cotidiano, utilizou-se a técnica projetiva. Esta técnica constituiu-se de um estímulo visual pôr meio de uma gravura acompanhada de uma história a ser escrita pêlos alunos com base no desenho. Pode-se, assim, detectar conteúdos latentes, não revelados pôr métodos tradicionais de análise de comportamento (entrevistas, questionários, etc...) onde é maior o controle racional do sujeito sobre as respostas (SOUZA FILHO, 1993).

Considera-se que o indivíduo, ao criar uma história sobre uma determinada cena, projeta sobre ela o seu universo de conhecimentos e experiências, de frustrações e anseios, definidos ao longo do tempo. Este conjunto de conhecimentos é o que dá ao indivíduo a capacidade de pensar e agir frente a diferentes situações, constituindo o que denomina-se Representações Sociais (RS).

As RS podem ser enfocadas como processo ou como produto, entendida como pensamento constituído ou campo estruturado, depende dos elementos constitutivos das representações (imagens, opiniões, crenças,...) (SPINK, 1994). Como processo, as RS emergem em pensamento constituinte ou núcleos estruturantes. A pesquisa pode voltar-se à compreensão do funcionamento e a eficácia das representações na interação social. de um lado temos o processo de interação social e as pressões para definir uma determinada situação de forma a confirmar e manter identidades coletivas, de outro lado há os conteúdos que circulam na sociedade, ambas as interfaces compõe o contexto (SPINK, 1994).

A noção de RS (Representação Social) é reconhecida e trabalhada em inúmeras disciplinas, embora abordada de forma diversa, essa noção é utilizada essencialmente na psicologia cognitiva e na psicologia social, mas também nas ciências sociais :

"O conceito de representação social ou coletiva nasceu na sociologia e na antropologia. Foi obra de Durkheim e de Lévi-Bruhl (...) poderia acrescentar que ele desempenhou um papel análogo na teoria da linguagem de Saussure, na teoria das representações infantis de Piaget, ou ainda na do desenvolvimento cultural de Vigotsky" (MOSCOVICI, 1994).

Nas ciências sociais, esta teoria continua relevante, pois permite explicitar a estreita relação entre as produções mentais e as dimensões materiais e funcionais da vida dos grupos (SPINK, 1993).

2. A construção das relações sociedade/agricultura: a especificidade da natureza

Há dois posicionamentos básicos com relação a especificidade da produção agrícola: um que coloca na técnica toda a possibilidade de superação, e outro que reafirma a necessária dependência dos fatores naturais para produzir. Entre essas duas instâncias há um intermediário que consegue "dialetizar" entre ambos, superando noções que valorizam excessivamente a técnica (normalmente

comprometida com a tarefa de tornar a natureza extremamente artificializada, sob os auspícios do enfoque antropocêntrico). São as perspectivas da *agroecologia*, que compreendem um forte vínculo entre produção agrícola e produtividade ecossistêmica. Assume-se como uma perspectiva diferenciada na organização dos estabelecimentos agrícolas e no conjunto da gestão ambiental comunitária.

Na busca da compreensão do novo rural brasileiro, não se pode perder de vista a própria especificidade do espaço que o compõe. Especificidade esta, que é traduzida através das diferenças de espaço e tempo (GOMEZ, 1994). No rural, há os espaços maiores, que permitem manter a base *solo* como central na produção, além das áreas verdes de reserva conservacionista, de reserva energética ou de regeneração natural. Essas áreas são necessárias para sustentar as tradicionais lavouras e criações, bem como as reservas energética, de proteção e de diversidade biológica. Também as relações com o tempo são específicas, definidas pelo próprio desenvolvimento dos ciclos da natureza (o tempo de semear, de desenvolver e depois colher). Estas, se definem por ciclos estacionais, influenciando sobre a demanda e distribuição do trabalho durante o ano agrícola.

A força mais profunda que movimenta o homem e faz com que invente novas formas de sociedade, é a sua capacidade de mudar as relações dos homens entre si e deles com a natureza. Torna-se assim, necessário, analisar o sistema de representações que indivíduos e grupos fazem de seu ambiente, pois é com base nelas que agem sobre o mesmo.

Nesse sentido, alguns estudos realizados junto a produtores familiares da região colonial do centro do Rio Grande do Sul, revelam maneiras próprias de interpretar e agir sobre o meio natural. Percebe-se, numa primeira instância, que faz-se necessário, uma compreensão mais aguçada dessa questão para desenvolver as novas relações sociedade/meio ambiente, tão propaladas pelo discurso valorativo do desenvolvimento sustentável. A observação da realidade é o ponto de partida para a constituição de uma dimensão compreensiva da natureza complexa do meio ambiente.

Convém considerar, que as motivações das ações não são movidas meramente por necessidades econômicas ou em função das limitações geográfico-ambientais - que motivam um tipo específico de exploração de recursos naturais e do uso do trabalho humano - assim como, o bom e o mau uso dos recursos naturais. As ações são realizadas também com base nos conhecimentos constituídos:

“O conhecimento não se compõe apenas de informações, reduzidas a esquemas lógicos. Implica também vida cotidiana e experiência. As palavras em que se traduz, além de seu significado codificado, arregam também recordações e lembranças, afetos e emoções, a marca de situações em que foram geradas ou utilizadas” (MARQUES: 1998, p.28).

A vida cotidiana aqui é compreendida como a organização do dia a dia, da vida individual dos homens. O processo de tomada de decisão por parte dos agricultores, tem como base, as variações da natureza (climática), técnica, econômica

e familiar; são situações de risco que obrigam os agricultores a se adaptarem permanentemente às novas situações, com base nos múltiplos aspectos condicionantes e intervenientes da unidade de produção (LIMA, 1992). Nesse aspecto, convém considerar que em um mesmo espaço natural, encontramos repetidamente um mosaico com diferentes produtores rurais, com tecnologias, recursos e produções diversas. As diferenças estão relacionadas, é certo, com questões de escala e descontinuidades, não são só quantitativas, mas também qualitativas, resultantes da presença de racionalidades específicas, convergentes, divergentes, dominantes e subordinadas. Estas racionalidades são constituídas a partir de um acesso diferenciado aos meios de produção e portadores de diversas histórias sociais (GUTMAN, 1995, p.232).

Far-se-á necessário compreender a intensidade com que se efetua o intercâmbio entre a natureza e o processo de trabalho na atividade agrícola. O tradicional e íntimo contato com a natureza sempre foi característico dessa atividade, o que lhe confere um caráter de maior responsabilização e de impacto.

Comparando-se populações tradicionais (como os povos da floresta amazônica) com os colonos do Sul, percebe-se diferentes significados: para o primeiro a floresta é um lugar conhecido e acolhedor, morada dos antepassados. O "colono", na sua cultura de imigrante de origem européia, muitas vezes é um itinerante: nasce em uma localidade, tem a infância em outra e quando adulto, assenta-se em um outro lugar na busca de vantagens comparativas. Não constrói referências do espaço em que se assenta, nem percebe, a longo prazo, os impactos ambientais resultantes das suas ações. Assim, quando os colonos do sul foram assentados na região amazônica, o resultado foi drástico. A floresta apresentou-se como um obstáculo a ser vencido, e assim o foi em todos os demais locais em que morou; seu papel sempre foi o de rapidamente eliminar as "matas" para dar lugar às lavouras "limpas", pois essas constituem a sua fonte principal de lucro.

Dessa forma, o caráter da constituição da natureza no decorrer dos tempos, é desconsiderado às custas de uma extrema velocidade para a apropriação dos recursos naturais. Rapidamente se transforma uma natureza que constituiu-se no decorrer de milhões de anos. As mudanças ecológicas nunca deixaram de existir, mas eram lentas; inversamente, nos dias atuais as mudanças ecológicas são rápidas, estabelecidas pela tecnologia e em períodos históricos curtos. Há, portanto, uma assimetria do "tempo ecológico" em relação ao "tempo histórico" (TIEZZI, 1988). Dos primórdios da ocupação do território nacional persistiu o argumento de que a natureza é abundante e tende mesmo a voltar a seu estado de equilíbrio original, podendo ser abatida em benefício das necessidades humanas. Ao decorrer de alguns decênios, sob essa ótica, aceleraram-se as transformações da natureza, perdendo-se os referenciais que indicam o resultado dramático das relações estabelecidas pelos agricultores. Primeiro o emigrante, que na sua itinerância não pôde observar atentamente em cada lugar que passou, os impactos ambientais resultantes de sua ação. Segundo, os avanços capitalistas sobre os espaços, tendo a natureza como recurso básico para a produção, torna rapidamente escassos, os recursos então abundantes (os peixes nos rios e mares, por exemplo) e modifica totalmente certos ecossistemas (os mangues, por exemplo). Há muito tempo que as relações do tipo

das populações tradicionais deixaram de existir no sul do Brasil; inibe-se populações tais como as indígenas, que possuíam um conhecimento próprio das condições ecológicas locais e desenvolviam sua sobrevivência com base na adaptação a essas condições. Tais populações foram despojadas de seu conteúdo sócio-cultural próprio para serem compulsoriamente jogados no fluxo da desigualdade do modo de produção capitalista. Foram rompidas as possibilidades de se estabelecer relações mais adequadas das populações em relação ao meio ambiente. Também, poderiam ter sido construídas tecnologias adaptadas junto aos agricultores que se estabelecem nos contornos da serra e seus arredores. Vários estudos relatam as conseqüentes crises ecológicas geradas pelo modo de uso e ocupação dos espaços de floresta do Sul do Brasil [DALMORA (1994), FELDENS (1989), KLIEMANN (1986)].

3. O processo de alienação no trabalho agrícola

Com a separação da cotidianidade da história, a qual é parte constituinte da consciência cotidiana, ocorre a mistificação da realidade:

“A consciência ingênua considera a cotidianidade como a atmosfera natural ou como a realidade íntima e familiar, ao passo que a história à socapa e irrompe a cada dia sob o aspecto de uma catástrofe, ela se manifesta como destruição do familiar como exceção e estranheza” (KOSIK:1989, p.64).

Posteriormente, com a “modernização da agricultura brasileira” a introdução de novas tecnologias novamente atinge o meio ambiente deste estrato de agricultores, especialmente os setores integrados às cadeias produtivas. Tais transformações, tornam a atividade agrícola cada vez mais afastada do íntimo contato que as populações estabeleciam com o meio em situações onde o meio natural era utilizado pelo homem sem grandes transformações, onde “as técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza, com a qual se relacionavam sem outra mediação” (SANTOS: 1986, p.188).

O ambiente natural, onde por ora existiu, cada vez mais é artificializada, é a tecnificação e a artificialização da paisagem. Nada do que entra em contato com o homem permanece simplesmente não-humano. O homem transforma a natureza e esta pôr sua vez também o enforma. O controle, a apropriação, a transformação da natureza para a produção dá-se através de relações de interdependências (MARX citado pôr DUARTE, 1986).

As atividades de produção nos espaços artificializados passam a não mais apresentar esse contato claramente direto e determinado. Com a artificialização do meio, os utensílios, as proximidades informacionais, distancia-os da relação espacial e temporal definida na natureza. Da mesma forma, a percepção dos impactos ambientais gerados nos espaços construídos e artificializados, são percebidos superficialmente, na medida em que são resultado de novos desejos e necessidades introduzidos na sociedade. Através do artifício fabricado se estabelece a dominação

do homem imposta à natureza. Através do trabalho modifica-se a face da natureza e do próprio homem:

“O homem como um ‘homo faber’ fabrica instrumentos, utiliza-se da natureza para criar meios para atingir determinados fins, implicando num mundo de objetos duráveis, que identificam a marca de seu trabalho. Surge então o processo de reificação em que tudo torna-se mercadoria”, (TOMAZETTI & OUTROS, 1998).

Para o homem como produtor, algumas vezes a natureza se reduz ao mero papel de matéria-prima e oficina para o desenvolvimento de uma atividade geradora de meios de subsistência e/ou de renda. Nessa situação, o trabalho se apresenta como mero ocupar-se (não mais como elemento de criação da realidade) e manipulação em todas as esferas material, administrativa e espiritual:

“Há o processo de fetichização das relações humanas, onde o mundo manifesta a consciência diária como já pronto, provido de aparelhos, equipamentos, relações e contatos, onde o movimento social do indivíduo se desenvolve como empreendimento, ocupação, onipresença, enleamento, - em uma palavra ‘preocupação’” (KOSIK: 1989, p.63).

Igualmente, na agricultura tem se evidenciado a perda da capacidade de autoregulação da vida social⁴. O agricultor, em síntese, altera sua forma de trabalho e de gestão dos fatores de sua produção. Ao realizar a atividade de produção agrícola já não sabe o que está ocorrendo, pois já na divulgação das técnicas inovadoras não se veicula a explicação das causas ou a ação dos fatores considerados básicos à boa realização das tarefas agrícolas. As informações que lhe são passadas, geralmente em manuais, não explicitam as razões pelas quais assim o é ou deve ser, o produtor continua sem saber porque, ou deve recontextualizar essas informações por explicações que constrói a partir dessa posição em que é colocado (GUIVANT, 1991). Definitivamente, não mais dependem estritamente da natureza para gerar produção com a proximidade da ciência e da técnica e mais recentemente a consolidação dos meios técnicos informacionais⁵:

⁴ Processo esse que se evidencia de três modos principais: a artificialização do trabalho camponês (o agricultor se especializa, desenvolve uma monocultura), a profissionalização da atividade agrícola (rompe a vida fora do trabalho e a de dentro do trabalho) e a setorização da agricultura em geral (resulta em outra mobilidade do agricultor) [ALMEIDA, 1997].

⁵ “os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação (...) a ciência e a tecnologia, junto com a informação, encontram-se na própria base de produção, da utilização, do funcionamento do espaço e tendem a constituir o seu substrato” (SANTOS: 1986, p.190)

“No começo dos tempos históricos, cada grupo humano construiu seu espaço de vida com as técnicas que inventava para tirar do seu próprio pedaço da natureza os elementos indispensáveis à sua sobrevivência. Organizando a produção organizava a vida social e organizava o espaço, na medida de suas próprias forças, necessidades e desejos. Pouco a pouco esse esquema foi se desfazendo: as necessidades e a organização da sociedade e do espaço tinha de se fazer segundo parâmetros estranhos às necessidades íntimas do grupo” (SANTOS:1996, p.19).

Convém considerar que nas culturas associadas ao modo de produção capitalista, a própria natureza se transforma em objeto de compra e venda, passa a ter uma representação da natureza que lhe permite a utilização intensiva dos recursos. As populações tradicionais (povos que vivem em íntimo contato com a natureza para sobreviver, não integrados a mercados mais amplos e mantendo a solidariedade familiar), que passam a utilizar os recursos naturais para a acumulação de lucros e bens, depredam seus recursos (DIEGUES,1996)

Ao centralizar as indicações técnicas na manipulação, o homem é absorvido no ocupar-se e não pensa na obra : “o ocupar-se é o comportamento prático do homem no mundo já feito e dado; é tratamento e manipulação dos aparelhos no mundo, mas não é criação do mundo humano” (KOSIK :1989, p.64).

Atualmente, começa a se estabelecer um forte apelo por parte dos movimentos ambientalistas para que se redefina as bases da relação sociedade/natureza. Convém considerar que tais mudanças devem estar inseridas no próprio processo educacional que reclama pela formação da cidadania, o que implica compreender as relações sociais e ecológicas então concretizadas na sociedade. Alguns aspectos dessa relação foram levantados no estudo de caso realizado com crianças em idade escolar (de 10 a 12 anos), no município de Paraíso do Sul.

Pode-se confirmar esta assertiva quando, no teste aplicado aos estudantes, a grande maioria (79%) identifica a poluição no desenho proposto, porém apenas 29% relaciona a gravura com o seu meio e, um número ainda menor (28%), identificam a agricultura como passível de ser um agente poluidor.

A forma como se deu a absorção das novas práticas agrícolas por parte dos agricultores, conferiram-lhe um caráter alienado, onde as ações são assimiladas mecanicamente. Tal característica limita a capacidade dos indivíduos refletirem sobre seus próprios atos, identificando e resolvendo problemas, bem como as prováveis consequências dos mesmos. Então atribui-se, a realidade, um caráter mitológico, onde os fenômenos tem a origem em algum lugar distante do local onde manifestam-se, e são independentes das ações dos indivíduos sobre os quais o fenômeno atua. Como podemos identificar em alguns fragmentos das redações:

“ (...) E de repente a fábrica fez tri - tri - tri. E na fábrica começava a sotar maravalha a casca de eucalipto. E aquele lixo começou a se espalhar na sanga que tinha ali perto, e poluiu toda a água, e tinha um homem perguntou: o que você está fazendo: - Eu estou fazendo

tábua de eucalipto, porque: - porque esta poluindo a minha lagoa, eu esta lá pescando quando estava descendo muita casca de eucalipto, e na água poluída eu não pego peixe. (R.G. 4ª série)”.

“(...) E a poucos quilômetros de sua fazenda situava-se uma cidade grande, onde o movimento e a poluição eram bastante. Na frente da casa do fazendeiro passava um rio, o rio Itabiqui onde o fazendeiro ia todos as manhãs, para pescar. Mas com o passar do tempo o rio foi se tornando uma ameaça, por causa da poluição os moradores da cidade não estavam preocupados com o rio(...). (A. P. A - 7ª série)”.

As relações homem/natureza são mediadas pelo trabalho, através do qual o homem transforma o seu meio construindo uma natureza não natural (natureza humanizada). Essa natureza nem sempre é percebida pelos homens que a manejam onde o homem se move neste mundo que é sua criação, como um conjunto de aparelhos que ele é capaz de manejar sem ter de conhecer o verdadeiro movimento deles e a verdade do ser deles. O homem maneja o telefone, a televisão, o elevador, o automóvel, o bonde, porém, mesmo ao manejá-los, não se dá conta da realidade técnica e do sentido desses aparelhos. (MARQUES, 1998).

No cotidiano repete-se a manipulação dos objetos, preocupando-se apenas com a sua familiarização com o objeto, banaliza-se e apega-se à certeza: “a atividade e o modo de viver se transformam em um instintivo, subconsciente e inconsciente, irrefletido o mecanismo de ação e de vida” (KOSIK:1989, p.64).

Os agricultores, portanto, ao implementarem práticas “modernas” de produção sem uma maior discussão a respeito dos conhecimentos envolvidos na determinação das mesmas, acabam por adotá-las de forma alienada, ou seja, desconhecendo as implicações e efeitos das mesmas sobre o meio. Este conhecimento alienado da realidade, fruto de elaborações feitas a partir do cotidiano, também não são problematizados pelos educandos, como se observa na desconsideração da capacidade poluidora da cultura do fumo:

“Esta história é de dois irmãos gêmeos só que um é caprichoso e outro é relaxado. Um deles está capinando o fumo para que cresça e de uma boa safra enquanto o outro só pensa em comer bem e está pescando peixe, só que ele não se deu conta de que o rio está contaminado - Trabalho dá dinheiro para ir a cidade ter o apto°. de luxo” (E.S. - 7ª série).

A cultura do fumo, mesmo constituindo-se em uma das mais exigentes em agrotóxicos, não é relacionada com a poluição, sendo apenas ressaltado o seu aspecto econômico. Comumente nas escolas não se une o conhecimento às experiências pessoais dos alunos, os conteúdos educacionais tornam-se despolitizados, desvinculados do contexto que compõe a situação do educando (GIROUX, 1988)

Como na escola nem sempre se problematiza a realidade, também é comum a persistência de explicações sobre os fenômenos da natureza que ainda recorrem a forças sobrenaturais. É a concepção mágica de natureza com atribuição aos fenômenos naturais de atributos característicos do ser humano: amor, ódio, compaixão:

“Era uma fazenda rodeada por rios e matas, onde nenhum homem jamais saiu com vida, uma floresta assustadora” (R. I., 8ª série) .

Sem os desígnios da ciência, a natureza constitui-se numa fonte inesgotável de mistérios e obstáculos a serem transpostos na sua convivência diária.

4. A mediação pelo trabalho nas relações sociedade/natureza

Manifesta-se duas vias: a natureza precisa ser considerada para a realização da produção, sua dinâmica precisa ser conhecida e respeitada pelo homem a fim de que possa dela se servir em benefício próprio; por outro aspecto, a natureza se reduz a mera base material de produção na qual se realizam os fins humanos. Num caso, o homem se beneficia da natureza, adaptando-se as características da natureza que atuam em seu benefício, no outro, ele faz da natureza um objeto, um simples “recurso natural”, daí o homem transforma a natureza em simples material das próprias intenções. Através do trabalho, se realiza a transformação do homem e da natureza:

O trabalho é procedimento ou ação em que, de certo modo, se constitui a unidade do homem e da natureza na base de sua recíproca transformação: o homem se objetiva no trabalho, e o objeto arrancado do contexto natural original, é modificado e elaborado. O homem alcança no trabalho a objetivação, e o objeto arrancado do contexto natural original, é modificado e elaborado. O homem alcança no trabalho a objetivação, e o objeto é humanizado. (KOSIK: 1989, 85)

O trabalho pode ser percebido como dignificação do ser humano e justifica-se pelo interesse de se adquirir bens materiais. *“Trabalho e dedicação da tranquilidade e felicidade”*; *“Trabalho é limpar a roça, deixar a casa livre de plantas daninhas, limpeza em redor da casa”* (P. S., 7º Série).

Nessa máxima, o ócio e o lazer pode ser percebido de forma depreciativa, como se apresenta manifesto no dizer de alguns educandos: *“Quando o homem trabalhava no meio rural era divertido, sem poluição. O homem rural perde o interesse para o trabalho com amor e o rio fica poluído”*. *“Poluem as pessoas sem vontade, o rio fica com veneno e lixo, cortam árvores para o fumo”*. *“Pescaria é de relaxado que busca a vida fácil e morre intoxicado pelo rio poluído. O trabalho na lavoura, dá boa vida, dinheiro”*.

Com as tecnologias ligadas à Revolução Verde, elimina-se o trabalho manual despendido para o controle de plantas invasoras e “pragas” agrícolas, sob o auxílio dos herbicidas, inseticidas, fungicidas, etc. O benefício do agricultor por ter redução da demanda de mãos-de-obra é controvertido por efeitos maléficos ao meio ambiente. Somente o trabalho proporciona uma vida digna que permite ao homem superar sua condição de pobreza. Nega-se que esse trabalho torna seu meio ambiente

poluído; porém, na sua interpretação, é com o trabalho, e não com o ócio (a pescaria), que se conquista um outro mundo.

Evidencia-se que a percepção da natureza para crianças cujo contato se dá através do trabalho na agricultura é diferente daquelas que tem contato na natureza através do lazer, apesar de apresentarem a mesma idade e estudarem no mesmo ambiente escolar. Assim, para a criança moradora da vila *“o rural é bonito, tem cães, brincadeiras, ar limpo, a natureza é pura, diferente da cidade”*. Para a criança que reside no meio rural: *“o trabalho é duro, não pode brincar (...) se tem condições é melhor na cidade com casas bonitas”*.

Como o trabalho na produção agrícola tem causado inúmeras insatisfações manifestadas no decorrer de muitos anos, as alternativas para superação dos impasses ficam restritas entre o permanecer na condição precária e dura de trabalho com um modo de vida composto de muitas restrições - no que se refere ao acesso à informações e ao lazer - e entre o sair em busca de outras alternativas: *“Vivem mal porque só trabalham. Não se divertem não tem vizinhos para conversar”*. *“Homens fazendeiros passam o dia trabalhando descansavam apenas no café e no almoço (...) era todo o dia o mesmo trabalho”* (V. O., 8^o. Série).

Com base nos dados obtidos percebe-se que não há uma idéia única de natureza que perpassa na sociedade, mesmo para pessoas que pertencem a mesma localidade e apresentam meios informacionais similares. Pôr outro lado, a experiência de vida constitui-se num fator relevante para a construção de tais entendimentos de natureza diferenciada. Percebe-se que há uma forte desvinculação da questão ambiental em sua problemática local como parte do próprio processo de produção agrícola. Tende-se a atribuir as causas dos problemas ambientais a agentes externos, não problematiza-se o cotidiano dos processos de degradação ambiental mediado pelo trabalho. Algumas vezes ainda persiste o caráter mítico, o que indica a precariedade com que o conhecimento científico é construído junto à atividade de produção agrícola.

A escola, constitui-se numa instituição imprescindível para a formação de uma consciência crítica, passível de estimular a reflexão sobre o próprio cotidiano. Nesse contexto, é necessário considerar a realidade multifacetada da sociedade atual, cujos fluxos contínuos de informação resultam numa cadeia de fatores intervenientes influentes.

5. Bibliografia

- ALMEIDA, J. *Reivindicação e construção do sentido da autonomia entre os agricultores "alternativos"*. Porto Alegre, 1997 (versão preliminar).
- DALMORA, E. *Os usos da terra em unidades de produção familiar*. Santa Maria, RS. Universidade Federal de Santa Maria, 1994 (dissertação de mestrado).
- DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DUARTE, R. de P. *Marx e a natureza em o capital*. São Paulo: Loyola, 1986.
- FELDENS, L. P. *A dimensão da pequena propriedade do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1989.
- GIROUX, H. *Escola crítica e política cultural*. São Paulo: Cortez, 1988.
- GUTMAN, P. Interacción entre productores rurales y ambiente natural. GALLOPÍN, G. C. (compilador). In *EL futuro ecológico de un continente : una visión prospectiva de la América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- KLIEMANN, L. H. S. *RS: Terra e poder- história da questão agrária*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- LIMA, A. P. de. *A natureza da prática administrativa na produção familiar*. Lavras, 1992 (dissertação de mestrado).
- MARQUES, M. O. *Conhecimento e educação*. Ijuí: UNIJUÍ, 1988.
- MILTON, S. *A natureza do espaço: técnica e tempo, a razão e a emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- MOSCOVICI, S. Prefácio. GUARESCHI, p. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). *Textos em Representações Sociais*. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- SOUZA FILHO, E. A. Análise de representações sociais. SPINK, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SPINK, M. J. O estudo empírico das Representações Sociais. SPINK, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- TIEZI, E. *Tempos históricos, tempos biológicos: a terra ou a morte: os problemas da nova ecologia*. São Paulo: Nobel, 1988.